

O USO DA LITERATURA COMO FERRAMENTA DE COMBATE AO RACISMO EM UMA ESCOLA DA PERIFERIA DE FORTALEZA-CE

RAQUEL SIQUEIRA DA SILVA¹
PAULO VICTOR DA SILVA SOUSA²
JULIA FERNANDES DO NASCIMENTO³
FRANCINALDA MACHADO STASCXAK⁴
JULIANA SILVA SANTANA⁵

RESUMO

A diversidade é algo que caracteriza a construção da nação brasileira e é exatamente a partir dessa diversidade que deveria ser celebrada com grande entusiasmo e alegria que surge os elementos fundantes do racismo e do preconceito os quais são capazes de promover a segregação entre as pessoas. Na perspectiva de romper com esses elementos promotores da segregação diversos autores tem buscado com seus textos dos mais variados gêneros literários ajudar os leitores a perceber a beleza existente nesse contexto de diversidade. Desse modo, o presente estudo teve como objetivo compreender como a literatura auxilia no combate ao racismo, ao preconceito e à discriminação. A construção deste texto surge à luz de uma pesquisa

- 1 Graduada do Curso de Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará - UECE, raquel.siqueira@aluno.uece.br;
- 2 Graduando do Curso de Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará - UECE, oluap.silva@aluno.uece.br;
- 3 Graduada do Curso de Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará- UECE, julia.nascimento@aluno.uece.br;
- 4 Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual do Ceará - UECE, naldascxak@gmail.com;
- 5 Professora orientadora: Doutoranda pela Universidade Federal do Ceará - UFC, juliana.santana@uece.br;

de cunho qualitativo que visou a identificar a partir das vivências e falas pedagógicas de uma professora que atua em uma escola da rede pública de Fortaleza-CE localizada na região periférica da referida cidade, a respeito da temática étnico racial e o uso da literatura infantil como principal ferramenta na construção de uma cultura antirracista com alunos do 1º ano do Ensino Fundamental. Nesse cenário, levantaram-se reflexões sobre o papel da literatura infantil no seu uso histórico, pedagógico, cultural e social. O processo de elaboração dessa pesquisa que aborda literatura e racismo teve aporte dos autores SILVA (2009), FÉNELON (1651-1710), COUTINHO (2008) SOARES (2020) e na Constituição Federal de 1988. Assim sendo, concluiu-se que a literatura é capaz de auxiliar no combate ao racismo, ao preconceito e à discriminação.

Palavras-chave: Literatura Infantil, Racismo, Cultura, Identidade.

INTRODUÇÃO

A literatura na escola pode ser o primeiro contato da criança com os livros, é onde ocorrem as descobertas, os aprendizados e é através da leitura que se desenvolve a imaginação, a oralidade, a construção do pensamento crítico. O presente artigo apresenta o uso da literatura como ferramenta de combate ao racismo em uma escola da periferia de Fortaleza, com o objetivo de compreender como a literatura auxilia no combate ao racismo, ao preconceito e à discriminação.

A escravidão no Brasil durou mais de 300 anos e foi responsável pela dizimação de milhares de pessoas africanas e indígenas, mesmo após a abolição da escravatura foi implantada uma política que fortalecia ainda mais a exclusão do acesso à educação e à moradia aos povos étnico-racial no decorrer dos anos através das políticas educacionais. Então, a história do Brasil por muitos anos foi contada pelo povo europeu que sempre subjugou o negro, colocando-o como incapaz e servil.

A literatura possibilita mostrar a verdadeira história do povo brasileiro e mostrar os verdadeiros heróis, guerreiros e guerreiras, reis, rainhas, médicos, professores, advogados que resistiram e resistem até os dias atuais. Dessa forma, pela valorização e inquietação pelo conhecimento surgiu a seguinte indagação: Como a literatura pode colaborar para a construção de uma educação antirracista?

Na infância, a criança já está em processo de construção de personalidade, de gostos e desejos e por isso é importante ressaltar as diversidades culturais e étnico-raciais para que a criança negra ou branca consiga conhecer e entender a história do povo brasileiro, sendo capaz de identificar e combater as injustiças sociais desde pequena e ao seu modo, além de construir uma identidade sólida e ver a si como parte de uma sociedade capaz de transformar o meio social.

A pesquisa foi desenvolvida por meio de uma abordagem qualitativa (MINAYO, 2001), tendo como principal instrumento de coleta de dados uma entrevista com uma docente que atua em uma turma do 1º ano do ensino fundamental em uma escola da periferia de Fortaleza-CE, bem como dos dados obtidos após a fala da professora diante da discussão realizada em sala de aula sobre a temática racial, da leitura do livro *O Lápis cor de pele* da autora Daniela Brito e uso de uma manchete que abordava a temática do racismo nas redes sociais.

Assim sendo, pôde-se observar a partir dos dados obtidos que a docente expressa uma valorização do uso da literatura no processo de construção da identidade dos pequenos, o que perpassa a realização de ações simples que são realizadas em sala de aula, mas que são capazes de combater eficazmente o racismo. Desse modo, essa investigação apresenta como conclusão que a literatura é uma ferramenta capaz de auxiliar no combate ao racismo, ao preconceito e à discriminação.

Esse texto foi escrito em seções, na qual inicia com a introdução a fim de expor a temática abordada, a questão norteadora e o objetivo do estudo, seguido pela metodologia que tem como finalidade discorrer sobre os meios utilizados no processo de realização da pesquisa. No referencial teórico, busca-se demonstrar que esta pesquisa está amparada por estudos científicos, já na seção resultados e discussões apresenta-se e analisa-se os dados obtidos na pesquisa em campo, além das considerações finais que visa a apresentar ao leitor a conclusão obtida ao final da pesquisa.

METODOLOGIA

O estudo deu-se com base na realização de uma atividade solicitada na disciplina de Português I do 5º semestre do curso de pedagogia no qual a Professora Doutoranda Juliana Santana solicitou a construção de um relato de experiência ou artigo após a vivência em uma aula de campo, isto é, a observação de aula de português nos anos iniciais do ensino fundamental. A referida atividade foi realizada em uma escola da rede pública de Fortaleza-CE localizada na região periférica dessa cidade em uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental. O tema do artigo e os pontos a serem observados estavam decididos antes da concretização da aula de campo para que houvesse uma riqueza maior de detalhes no foco da pesquisa.

Analisamos, no decorrer da aula de campo que a sala de aula era um lugar bastante arejado contendo janelas facilitando a entrada de ar, livros organizados nas prateleiras em um lugar específico do cantinho da leitura para aconchegar as crianças e a professora adquiriu uma colcha de retalhos para esses momentos de leitura.

A pesquisa realizada foi de abordagem qualitativa através de dados obtidos após a observação da aula de campo, acompanhada de

uma entrevista semiestruturada com a docente, além das reflexões realizada em sala de aula a partir da discussão sobre a temática racial com o enfoque maior sobre a descoberta das diversas tonalidades de pele que teve como apoio didático a leitura do livro *Lápis cor de pele* da autora Daniela Brito e uma manchete com o tema de racismo nas redes sociais. De acordo com Minayo (2001, p. 14) “A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

Para termos mais informações sobre a temática presente nesta aula foi realizado com a docente uma entrevista semiestruturada que inicialmente continha cinco perguntas, mas pela fluidez e interesse dos pesquisadores, foram adicionadas mais cinco perguntas totalizando dez. A entrevista foi concretizada no intervalo do lanche das crianças, todas as perguntas já estavam formuladas, porém não foi seguida uma sequência rígida, além de que surgiram novas. A entrevista trouxe pontos cruciais sobre como a docente compreende e traz discussões sobre o racismo, a literatura afro-brasileira, além de fazer a junção dos conhecimentos prévios das crianças com a literatura étnico-racial.

A aula de campo ocorreu no mês de setembro de 2022 no turno da manhã. A entrevista foi gravada no aparelho celular de um dos pesquisadores e teve duração de 7 minutos e 23 segundos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Abordar literatura infantil e consciência étnico-racial do ponto de vista histórico é uma prática que contempla extremos, uma vez que apesar do progresso de ambos os assuntos na sociedade contemporânea, ainda se faz necessário que estes sejam evidenciados por terem suma importância no âmbito pedagógico e, principalmente, na construção de uma cultura indispensável para o bem estar da sociedade, além da efetividade dos direitos humanos, assegurados pela Constituição Federal do Brasil desde 1988. Entretanto, essa seguridade em nível nacional é ainda uma realidade muito recente se comparada ao percurso que a literatura infantil vem trilhando desde o século XVII, e isso acontece porque assim como a concepção de infância que temos na

atualidade, ela também foi-se modificando de acordo com o tempo e a cultura produzida.

Estudos acerca da trajetória da literatura infantil desde a sua origem histórica (SILVA, 2009), apontam que o precursor dessa modalidade de literatura foi François Fénelon (1651-1710), um escritor francês que conquistou grande influência com as famílias da época por escrever a pedido da duquesa de Beauviller, sua primeira obra mais expressiva como educador: *De L'éducation des filles* (1687), ("Da educação das meninas"). Essa obra tratou de orientar a educação da filha da duquesa, além de servir de base para estudiosos que se interessavam pela pedagogia.

A priori, a ideia de Fénelon e de outros autores que passaram a dedicar-se a escrever uma literatura voltada ao público infantil foi usar a cultura de contos, muitas vezes, já existentes e adaptadas de um contexto adulto para moldar a moral e a ética das crianças na sociedade de acordo com o regime social vigente da época que, no caso, ainda era a Monarquia atrelada ao Clero. Estes eram pautados em uma concepção absolutista e centralizadora no ideário de que as crianças deveriam seguir as rédeas das vivências dos adultos e que logo deveriam ser imersos em realidades, que não condiz, tampouco respeitava as especificidades dos infantes (ÀRIES,1981).

Como dito anteriormente, a literatura infantil é ainda na atualidade, um extremo. Em outras palavras, ela é marginalizada de sua essência que é, em linhas gerais, uma ramificação da literatura enquanto arte, estética, e uma concepção sensível de ler o mundo através do imaginário das crianças. Dessa forma, é comum que ela ainda seja considerada como menos importante em sala de aula, mas como bem ressalta Dionízio:

A literatura, enquanto arte, é um dos caminhos que pode ser percorrido pelo homem na busca de prazer nessas relações. Como sistema simbólico de comunicação inter-humana, ela pode revelar os desejos mais profundos do indivíduo, que por sua vez, se transformam em elementos de contato entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade. Portanto, num movimento também de busca incessante, a literatura-arte, pode abrir múltiplos espaços para novas possibilidades do conhecer. E não se pode tirar da literatura infantil esse papel tão importante na formação do pensamento, pela qual

cada adulto já passou ou estará repassando em algum momento da sua vida (DIONÍZIO 2010, p. 11).

Se outrora a infância não tinha respaldo e espaço específico dentro da sociedade, com a literatura que lhe representou no período clássico (séc. XVIII), por sua vez, não seria diferente, ela também seguia a lógica adultocêntrica de manipular as crianças a partir das ideias dos adultos (SILVA, 2009).

Deste modo, se pensarmos na literatura infantil como necessária para a pedagogia atual, que busca a promoção dos indivíduos na sociedade através da educação, e não mais apenas como forma de manipulação das crianças, surge o questionamento se ela está sendo concretizada nas didáticas dos professores na atualidade e, se dessa forma, atendem às Diretrizes Nacionais para a Educação (DCN) pautando a questão étnico-racial, que é mais um aspecto levantado na presente elaboração.

Como instituída pelo Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno/DF na resolução nº 1, de 17 de junho 2004:

A presente Resolução institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, a serem observadas pelas Instituições de ensino, que atuam nos níveis e modalidades da Educação Brasileira e, em especial, por Instituições que desenvolvem programas de formação inicial e continuada de professores (BRASIL, 2004).

Assim como a literatura infantil, a questão do racismo no Brasil é assunto de extrema importância, pois como determina a Constituição Federal de 1988, no Art. 3, inciso XLI, que “Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (BRASIL, 1988), logo, fica firmado constitucionalmente, o racismo e qualquer outra forma de preconceito, como crime passível de sanção por meio de ação penal, definido pela Lei 7.716, de 5 de janeiro de 1989, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor (BRASIL, 1989).

Diante o exposto, abordar literatura infantil afro-brasileira dentro da sala de aula é, além de indispensável pedagogicamente por trabalhar

com as crianças questões de valores e respeito das múltiplas culturas, é também excepcional para a construção de uma cultura antirracista, que desmonta a ideia de “Novo Mundo” estruturado pelo processo de colonização do povo originário do Brasil a partir de 1500 e dos povos africanos que foram arrancados de sua liberdade no mercado escravista promovido pela colônia Portuguesa ao chegar em terras latinas.

É nítido ainda na contemporaneidade o quanto a cor da pele pode ser determinante na vida das pessoas, os autores negros diga-se de passagem, são a prova cabal da incessante tentativa de tirá-los de evidência suas obras literárias, pois trata-se de uma temática que desaprova o racismo. Outros, por sua vez, até alcançam reconhecimento, mas por produzir obras roteirizadas pelo racismo estrutural, como o conhecido caso de Monteiro Lobato, o pioneiro em literatura infantil no Brasil, que evidencia em suas obras a supervalorização do preconceito camuflado de arte.

Em um diálogo de seu livro, *Reinações de Narizinho*, é possível constatar o estigma estético, quando Lobato fazia referência ao beijo de Tia Nastácia, animalizando-a [...] A personagem Tia Nastácia é bastante hostilizada, às vezes, pode até ser tratada como membro da família, no entanto, a cozinha é seu habitat natural, e é chamada de negra de estimação, o que reforça a sua inferioridade e a teoria de que negros só ocupam os papéis de serviçais, malandros, dignos de piedade (SILVA, 2010. p. 29).

Essa supervalorização do preconceito em obras literárias é considerada grande risco na forma como as crianças familiarizam-se com a leitura e a escrita, pois como bem coloca Soares (2020), o texto é o eixo central do processo de alfabetização, que segundo ela, não pode ser separado do letramento que inclui o uso de práticas sociais no processo de aprendizagem, tornando-o mais efetivo e significativo para o educando.

Dessa forma, abordar textos preconceituosos usando práticas de letramento possibilita a promoção de mais preconceito. Essa realidade nem de longe seria o cenário almejado na pedagogia libertadora de Paulo Freire. Logo, tornar textos como de Lobato evidentes propagam a literatura-arte de forma errônea, afinal das contas, diminuir personagens pela cor, raça ou etnia, não é pedagógico nem faz jus ao princípio da literatura.

A Literatura é um fenômeno estético. É uma arte, a arte da palavra. Não visa a informar, ensinar, doutrinar, pregar, documentar. Acidentalmente, secundariamente, ela pode fazer isso, pode conter história, filosofia, ciência, religião. O literário ou o estético inclui precisamente o social, o histórico, o religioso, etc., porém transformando esse material em estético (COUTINHO, 2008, p. 23).

Por fim, cabe salientar que a literatura infantil é a principal aliada da pedagogia na escola, concomitantemente aos professores em suas práticas. E, sobretudo, ela tem um papel transformador de realidades, por percorrer culturas e não fazer distinções para melhorar o mundo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base na fala das crianças, no relato da professora e na observação da didática da aula em uma turma do 1º ano do ensino fundamental, uma temática tão necessária e relevante para o processo de construção da identidade da criança e, de modo especial, da criança negra, tendo em vista que a docente fez uso do livro Lápis cor de pele da autora Daniela Brito, o que nos permitiu perceber que a literatura assume um papel fundamental no que diz respeito a esse processo de reconhecimento e aceitação do ser negro em sua singularidade com toda a riqueza de sua cultura e, além disso, auxilia no combate ao racismo, pois oportuniza as pessoas de pele não negra a conhecerem, respeitarem e valorizarem a cultura afro-brasileira.

Ao estudar obras literárias que ressaltam a importância da cultura afro-brasileira, o estudante negro desenvolve sua autoestima, tem sua identidade étnica confirmada e valorizada e vislumbra a possibilidade de reconstruir a história do seu povo. Os demais estudantes aprendem a valorizar a diversidade cultural do nosso país e a respeitá-la, compreendendo criticamente as relações sociais e aderindo a atitudes contrárias ao racismo. Pelo estudo do negro nas obras da literatura infantil, pretendem-se descobrir as contradições sociais e as possibilidades de transformação das relações (CABRAL; MARTINHAGO; CAROLA, 2018, p. 283).

Por reconhecer a importância da literatura nos processos de ensino e aprendizagem a docente adotou como parte de sua didática o hábito de iniciar as aulas com uma roda de leitura, para tanto, organiza a sala de aula de modo que as crianças possam ter contato com os livros, ou seja, possui um cantinho específico para a leitura dentro da sala de aula. Nesse espaço, os livros ficam expostos ao alcance das crianças, além disso é um ambiente bem aconchegante, pois dispõe de tapetes de E.V.A, colcha de retalhos, almofadas e uma ornamentação que valoriza a criatividade das crianças. Uma vez que para a professora, a literatura é uma ferramenta que possibilita o docente trabalhar inúmeras temáticas sobretudo aquelas consideradas delicadas no sentido de se tratar de uma construção histórica e cultural como é o caso do racismo.

Eu acho que é a principal ferramenta né, para as crianças. Elas não têm essa percepção, mas muitas vezes elas reproduzem do adulto né, é... a gente já percebe em alguns momentos né, seja num termo, seja numa fala, nós mesmos, eu, professora tenho algum termo ou outro internalizado e eu vou descobrindo isso à medida que vou lendo. Então eu acho que a principal ferramenta é sim a literatura, e é a partir dela que a gente chega na linguagem das crianças (PROFESSORA).

Assim sendo, observou-se que as crianças já têm o hábito da rodinha de leitura, visto que elas organizaram a colcha de retalho e os livros no espaço reservado para esse momento. Foi nítido o quanto todas as crianças estavam atentas e envolvidas nesse processo, antes mesmo de a professora terminar a leitura da história, algumas crianças já estavam ansiosas para comentar sobre suas experiências. O que nos leva a entender que a literatura é primordial no desenvolvimento da criança para conhecer o mundo e transformá-lo. Para Campos e Amarilha (2015 p. 147): “[...] a leitura de literatura é uma atividade formativa numa perspectiva de formação integral do sujeito, pois estimula seu desenvolvimento cognitivo e linguístico, ao mesmo tempo em que promove sua socialização e amplia seu horizonte de experiências[...]”. Sobretudo quando a literatura traz assuntos que fazem parte da realidade das crianças, como foi o caso do livro Lápis cor de pele lido pela professora, o qual aborda as questões étnicas a partir da genética ajudando as crianças a compreenderem o porquê da diferença dos tons de pele.

Acho que, não sei se seria unânime essa resposta, mas acho que através da literatura, através das falas deles, né, eu gosto muito de trabalhar com o repertório que as crianças trazem, e aí é como eu já falei para vocês do exemplo né, do lápis cor de pele que certa vez eles pediram, e aí eu trouxe a caixa de lápis de cor com vários tons né, de tom de pele, enfim, então eu vou acho que atuando dentro do repertório que eles trazem e a partir da literatura, eu acho que o meio mais fácil de se chegar a essa percepção de mundo da criança é por meio da literatura, então é por aí que eu caminho (PROFESSORA).

A docente enfatiza em sua fala o quanto valoriza as temáticas abordadas pelas crianças, pois cada vez que uma criança comenta algo significativo ela busca introduzir esse assunto em suas aulas para que todos tenham a oportunidade de dialogar sobre tal temática como foi o caso do lápis cor de pele solicitado pelas crianças em uma outra aula o que a fez comprar e levar para a sala de aula uma caixa de lápis com diversos tons de pele possibilitando-lhe trabalhar com as crianças as questões étnico-raciais dando espaço para que elas fizessem suas colocações a partir da sua realidade.

Elas são bem participativas, elas trazem outras coisas desse conhecimento de mundo né, que muitas vezes eu não tenho essa percepção, eu acho que quando se fala que não existe o saber mais e o saber menos, então eu acho que eu aprendo com eles, como agora a partir da contação de história aquela criança trouxe uma informação sobre uma pessoa albina, e assim, eu jamais imaginei que de repente isso pudesse vir à tona na discussão e ela me trouxe né, essa palavra, esse termo, essa outra realidade desse conhecimento de mundo que ela tem, então assim, eu acho que é isso (PROFESSORA).

Nesse contexto, a professora reconhece que, assim como as crianças, ela também encontra-se em processo de construção, por isso a partir das indagações das crianças, bem como dos desafios da ação docente procura atualizar-se fazendo novas leituras, participando da formação continuada, grupos de estudo e buscando no diálogo com os pares elementos que lhe permitam ampliar o seu conhecimento para que possa proporcionar aos educandos uma educação de qualidade e significativa, que parta da realidade das crianças e seja capaz

de fazê-los avançar (progredir) academicamente, profissionalmente, afetivamente, enfim, como bem coloca Freire (2006), a leitura do mundo precede a linguagem escrita; e esta primeira leitura é a leitura do “mundo imediato” que se aprende e apreende no contexto em que se vive.

[...] Assim, para mim, para o meu repertório, tem algumas leituras que eu procuro buscar, tem alguns estudos que vou buscar também para ter referência né, nas leituras, para ter uma atividade embasada, porque eu acho que essa fundamentação teórica é necessária para essa abordagem, é... tem também bem conhecida na literatura Menina Bonita do Laço de fita, mas que eu gosto de ampliar porque eu não sei se já tá tão batida essa discussão que aí eu gosto de trazer coisas novas né, como essa história que eu trouxe hoje que é do lápis cor de pele. Então assim, buscando leituras para minha fundamentação teórica e buscando na literatura mais uma vez para abordar com eles (PROFESSORA).

Desse modo, nota-se o quanto a professora esforça-se para trabalhar de forma lúdica os conteúdos de seu plano de aula objetivando despertar o interesse das crianças por meio do uso de elementos que trabalham as temáticas no contexto contemporâneo, como foi o caso do racismo tão bem trabalhado por ela. Isto é, após a leitura do livro Lápis cor de pele, ela pediu para os educandos fazerem um desenho de toda a turma. Depois do intervalo ela organizou as crianças em grupo de modo que cada grupo tinha uma criança leitora e entregou para cada grupo uma manchete de jornal sobre uma criança que foi alvo de racismo nas redes sociais. Nesse momento, foi realizada a leitura dessa manchete, primeiramente em grupo, e depois com toda a turma.

Com base no desenho realizado pelas crianças, na discussão após a leitura do livro, da manchete e do comentário a respeito de uma nova versão que será lançada no cinema do filme a pequena sereia no qual a personagem principal (Ariel) é interpretada por uma atriz negra o que tem sido motivo de muitas discussões nas redes sociais (WhatsApp, Instagram, Twitter etc) tanto a favor como contra, ou seja, é algo que está dividindo opiniões e por se tratar de um filme infantil e de abordar a temática que estava sendo trabalhada na aula, a professora trouxe esse assunto para a discussão. Com o objetivo de dialogar com as crianças, a dimensão da discriminação racial que tenta a todo custo

impedir que o negro seja representado nas histórias clássicas tanto da literatura quanto do cinema. Para Santos (2001, p. 106), “A discriminação racial não é um problema da criança negra, mas uma oportunidade de crianças negras e não negras se conhecerem, discutirem e instaurarem novas formas de relação, que tenham impacto em suas vidas e na sociedade como um todo”.

Portanto, toda essa dinâmica possibilitou-nos perceber que eles já compreendem que cada um tem sua própria identidade a qual é formada por um conjunto de características próprias de cada indivíduo sejam elas biológicas, culturais, religiosas dentre outras e que todos devem ser respeitados em suas particularidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É relevante salientar que apesar da existência do racismo e da forma como ele estrutura-se na sociedade, ou seja, com base em uma construção histórico-cultural percebe-se que, aos poucos, alguns movimentos antirracistas vão tomando força e conquistando seu espaço na busca contínua pela dizimação total dos elementos que corroboram tal prática e, portanto, o espaço escolar não poderia ficar de fora dessa realidade. Assim sendo, já se pode observar algumas conquistas com a resolução nº 1, de 17 de junho de 2004 que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, nos espaços escolares (BRASIL, 2004).

Nessa perspectiva, conclui-se que o objetivo da pesquisa foi alcançado, pois através da metodologia usada no desenvolvimento desse estudo pode-se compreender que a literatura é capaz de auxiliar no combate do racismo, do preconceito e da discriminação. Uma vez que na fala da professora, bem como na expressão das crianças notou-se nitidamente o quanto a literatura os ajuda no seu processo de construção da identidade o que perpassa pelo reconhecimento e aceitação de si e de sua história. Portanto, reiteramos a necessidade de se trabalhar essa temática em sala de aula utilizando a literatura como ferramenta de apoio.

REFERÊNCIAS

ÀRIES, Philippe. **História social da criança e da família, 1981. 2a ed.** Rio de Janeiro, RJ: Guanabara.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, de 05.10.1988. Brasília, 1988. Disponível em: < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 23 set. 2022.

BRASIL. Lei 7.716, de 05 de janeiro de 1989. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou cor. Brasília, 1989. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm>. Acesso em: 23 set. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira.** Brasília: 2004.

CABRAL, Gladir da Silva; MARTINHAGO, Daiane Barreto; CAROLA, Carlos Renato. A representação do negro na literatura infantil contemporânea brasileira. **Rev. Educ. e Cult. Contemp.** [online]. 2018, vol.15, n.40, pp.274-299. Epub 12-Abr-2018. ISSN 2238-1279. <https://doi.org/10.5935/2238-1279.20180057>. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S223812792018000300274&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 20 set. 2022.

CAMPOS, Wagner Ramos; AMARILHA, Marly. A formação em literatura e a construção das identidades negras no ensino fundamental I. **Nuances: Estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 26, n. 3, p. 141–160, 2016. DOI: 10.14572/nuances.v26i3.3913. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/3913>. Acesso em: 20 set. 2022.

COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

DIONÍSIO, Eliane Rabello Correa. **Desconstrução do preconceito: Menina bonita do laço de fita; de Ana Maria Machado.** 2010. 146 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 48 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MARIOSIA, Gilmara. REIS, Maria **A influência da literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças**. Estação literária, Londrina, Vagão-volume 8 parte A, (p.42-53), dez, 2011. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/index>. Acesso em: 20 de set. de 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis Vozes, (p.07-p.47) 2001. Disponível em:

http://www.faced.udesc.br/arquivos/id_submenu/1428/minayo_2001.pdf. Acesso em: 20 set. de 2022.

SANTOS, Isabel Aparecida. A responsabilidade da escola na eliminação do preconceito racial: alguns caminhos. In: CAVALLEIRO, E. (Org.). **Racismo e anti-racismo na educação**: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001. p. 97-113.

SILVA, Aline Luiza da. Trajetória da literatura infantil: da origem histórica e do conceito mercadológico ao caráter pedagógico na atualidade. **regrad - Revista Eletrônica de Graduação do UNIVEM** - ISSN 1984-7866, [S.l.], v. 2, n. 2, junho 2010. ISSN 1984-7866. Disponível em: <https://revista.univem.edu.br/REGRAD/article/view/234>. Acesso em: 20 set. 2022.